

ELEGIA  
NA MORTE  
DO  
SERENISSIMO SENHOR  
D. JOZÉ  
PRINCIPE DO BRAZIL.

POR  
THEODORO DE SOUSA MALDONADO  
da Arcadia Portuense , e Bacharel Formado  
nas Sciencias Mathematicas.



PORTO,  
Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro,  
Anno de 1788.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o  
Exame , e Censura dos Livros.*

Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel, nas casas N.º 260.



EL ECLA  
NA MORT  
do  
SERENISSIMO SENHOR  
D. JOZÉ

PRINCÍPE DO BRAZIL.

por

THEODORO DE SOUSA MALDONADO,  
da Acadia Portuense, e Bacharel Formado  
nas Sciencias Mathematicas.



P O R T O ,

Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro,

Anno de 1788.

Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o  
Exame, e Censura dos Livros.

Vende-se na mesma Officina nas ruas de S. Miguel, nas casas N. 366.



# ELEGIA.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central



Ortugal infeliz , luto pezado  
Venha cubrir as gálas sumptuosas  
D'hum feliz nascimento dezejado ,  
Das Nupcias venturosas ,  
Que as tres filhas de Themis triunfáraõ  
Do Principe , que as Graças embaláraõ  
E tanto s' atrevêraõ ,  
Que os vivos em suspiros convertêraõ !

Vós filhas da Memoria , que algum dia  
Tecestes em obléquios mil louvores ,  
Hoje vinde fazer-me companhia  
Nos tristes dissabores ;  
E mudando-se o louro em amaranto  
Em lagrimas se troque o antigo canto,  
Que mágoa inextinguivel  
He só fructo de perda taõ sensivel.

Triste



Tristes imagens , lúgubres idéas  
 A' minha alma cançada s'apresentaõ!  
 O esqueleto da Morte , as sombras féas  
 A meos olhos s'ostentaõ  
 Eu vejo o Real aço guarnecido  
 De negros panos ; fico espavorido!  
 Hum chora , outro suspira  
 Hum se queixa , outro clama , outro delira !

Augusta Mãe em lagrimas banhada ,  
 A triste Esposa , a lacrimosa Tia ,  
 Qualquer de viva dor he penetrada.  
 Tem por fiel companhia  
 O desgosto , o pezar , e a tristeza ,  
 Butos desta fragil natureza !  
 Que nem a Magestade  
 Vive izenta das Leys da humanidade!

A Pompa funeral se me figura ;  
 Da Morte a rouca voz no bronze sôa,  
 Vejo o Féretro , e contra a Parca dura  
 Clama toda Lisboa!  
 Veloz corre a noticia ao Patrio Douro;  
 Bem querem desterrar taõ triste agouro  
 Speranças lizongeias :  
 Mas sempre as novas ruins são verdadeiras.  
 Veri-



Verifica-se a perda, e geralmente  
 Pelo Regio Mandato não speraraõ,  
 Da saudade tocada a fiel gente  
 Todos luto cortáraõ ;  
 Cada qual do desgosto mostra o aspeto ;  
 Sacrificio leal d'hum puro affecção:  
 Porque a triste lembrança  
 Cortava o fio á mais longa esperanza.

O Corpo Respeitavel do Senádo  
 Abre a Carta fatal, e absorto fica !  
 Olhos baixos, o rosto desmaiado,  
 A dor se justifica!  
 Exéquias sumptuosas celebráraõ,  
 Onde amor, e grandeza respiráraõ,  
 Sacrificios devidos  
 Aos Heróes desta sorte esclarecidos!

O Escravo, o Senhor, Plebêo, e Nobre,  
 Hum Vassallo não ha, que não lamente  
 O Douto, o Ignorante, o Rico, o Pobre  
 Suspira amargamente :  
 A Sábia Academia afflicta geme,  
 Marte perde o valor, confuzo teme  
 Por ver espavorido  
 Hum novo Heróe a cinzas reduzido.

No



( 6 )

No Principe as Sciencias hum Patrono  
Possuiaõ d'engenho em tudo raro,  
Esforço o militar, commercio abono,  
E a pobreza amparo :  
As viúvas, e Orfaõs desgraçados  
Por sua larga mão remediados;  
O' quanto dezejáraõ  
Esta vida, que os Fados lhes roubaraõ

Caducas esperanças enganosas,  
Venturas desta vida, que fenecem!  
Apparencias, idéas magestosas  
Fogem, desaparecem!  
Porque em bens, e fortunas desta lóрте  
Tem poder a Desgraça, o Tempo, a Morte!  
Só ficaõ desenganos  
P'ra confusaõ dos míseros humanos.

Justas queixas, porém soltas ao vento,  
Queixas em vaõ; porque não recuperaõ  
Hum Heróe do maior merecimento,  
Que roubar-nos quizeraaõ  
As Parcas sanguinolvas; já sem fructo  
Das lagrimas pagamos o tributo,  
E Providencia Santa  
Lenitivo nos deixa em mágoa tanta.

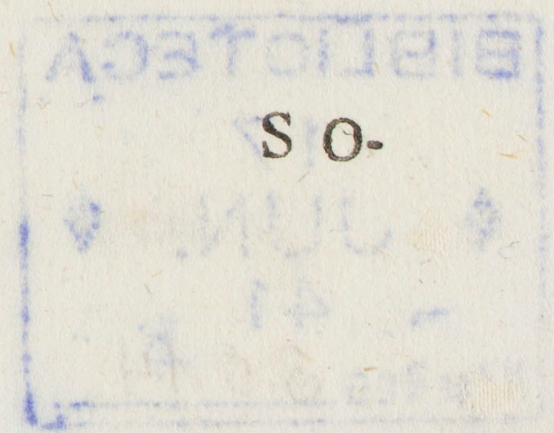
À



( 7 )

A hum Principe justo, outro se segue  
Fiel observador da Ley Divina;  
Da virtude aos dictames sempre entregue  
Somente se destina,  
He só o digno objecto ao seu cuidado  
Fazer o Reino bemaventurado,  
D' Augusta Mãe faudosa,  
E de todos speranza venturosa.

Suspendá-mos, ó Musas, o Lamentado,  
Que o Principe feliz em segurança,  
Triunfando do mundo fraudolento,  
No Empyreo descança,  
Onde o Eterno lhe concede, e dôa  
Outro Solio, outro Sceptro, outra Corôa,  
E quanto mais brilhantes  
As Estrellas, que os lucidos diamantes!





## SONETO.

**Q**ue ventura pertende a humanidade!  
Se logo que a consegue, a tem perdida,  
E d'hum só golpe a Parca defabrida  
Vence gloria, esplendor, e Magestade!

Se o mundo póde ter felicidade,  
Parece deve ao Trono andar unida;  
Porém no melhor tempo falta a vida,  
E muitas vezes na florente idade!

Ouro, Gloria, Sciencia, Valentia  
Contra a Morte valer he puro engano;  
Pois contra a Morte nada tem valia!

Ninguém tinha poder mais Soberano,  
Ninguém mais do que o meu Heróe podia,  
Mas deixou-nos liçoens do delengano.



F I M.